

# COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA CONFORMAÇÃO DOS SUJEITOS EMPRESARIAIS

Stephanie Fenselau<sup>1</sup>

Em 2017, Richard H. Thaler, recebeu o prêmio Nobel de Economia “por suas contribuições para a economia comportamental”<sup>2</sup>, incorporando pressupostos da psicologia para análise de tomada de decisão econômica. Reconhecidamente, as competências socioemocionais saltaram das teorias comportamentais para adentrarem as políticas educacionais, por influência de organismos internacionais como o Banco Mundial<sup>3</sup>, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

A relação estreita entre economia e comportamento busca transformar as tomadas de decisão em uma forma de gestão social organizada para reproduzir determinada sociabilidade no capitalismo contemporâneo<sup>4</sup>. Esse modelo de gestão comportamental está nos fundamentos da Base Nacional Comum Curricular e na Reforma do Ensino Médio, políticas educacionais contemporâneas, forjadas a partir da intensa atuação do setor empresarial em conjunto com o Estado<sup>5</sup>, e ganham forma e conteúdo no cotidiano escolar a partir do componente Projeto de Vida.

As competências socioemocionais são sistematizadas no relatório Para além da aprendizagem acadêmica, da OCDE, como caráter ou traços de personalidade<sup>6</sup>, conformando explicitamente padrões de comportamentos que devem ser desenvolvidos na educação básica (seja na educação formal ou não formal) dos jovens, focadas nos futuros trabalhadores (com ou sem trabalho),

---

1 Doutoranda em Educação na UNICAMP, Mestra em Educação pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Crítica Social (GEPECS/Unicamp).

2 CAVALLINI, M. Richard Thaler ganha Nobel de Economia em 2017 por unir economia e psicologia. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/premio-nobel-de-economia-vai-para-criador-da-teoria-da-contabilidade-mental.ghtml>> Acesso em: 18 dez. 2023.

3 O Banco Mundial possui uma equipe específica na área de Economia Comportamental, “Mind, Behavior And Development Unit”. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/programs/embed>>. Acesso em 18 dez. 2023.

4 PRONKO, M. Modelar o comportamento. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 4, n. 6, p. p. 167-180, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.costalima.ufrj.br/index.php/RTPS/article/view/248> Acesso em: 4 jan. 2024

5 TARLAU, R.; MOELLER, K. O consenso por filantropia: como uma fundação privada estabeleceu a BNCC no Brasil. **Currículo sem Fronteira**, v. 20, n.2, p.553-603, maio-ago., 2020; FREITAS, Tiago Barreiros. **Ensino médio personalidade: prestidigitadores do capital na educação pública**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2023

6 ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Para além da aprendizagem acadêmica: primeiros resultados das pesquisas sobre competências socioemocionais. Tradução Instituto Ayrton Senna, 2022. Disponível em: <https://ias-institucional-hml.s3.amazonaws.com/app/uploads/2022/11/29235015/OCDE-REPORT-Portugues-27-04-22-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025, p.9

no contexto do capitalismo neoliberal, com o fim de aumentar a produtividade do trabalho.

Anteriormente, em 2015, a OCDE publicou Estudos da OCDE sobre competências: competências para o progresso social, o poder das competências socioemocionais, que foi traduzido para o português pela Fundação Santillana e sintetiza três anos de pesquisas em parceria com o projeto Educação e Progresso Social vinculado ao Centro para Pesquisa e Inovação Educacional<sup>7</sup>. Esse documento é central para o fomento das competências socioemocionais nas legislações brasileiras.

A proposição das competências socioemocionais consagra uma cisão entre o conhecimento cognitivo, retratado nos conteúdos das disciplinas regulares, representando uma “escola tradicional e conteudista” e o comportamento. Tal dissociação parece corresponder ao empresariamento da juventude, adequando os desejos e comportamentos às alterações das condições de trabalho e, portanto, das relações de produção. Esse movimento aparece nas práticas escolares, incidindo na supressão dos conteúdos acumulados historicamente, reduzindo as disciplinas “clássicas” e aprofundando a parte diversificada dos currículos, com componentes como Projeto de Vida, Empreendedorismo e Educação Financeira<sup>8</sup>.

A estrutura conceitual das competências socioemocionais está alinhada com a taxonomia de personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five), com a estrutura de caráter do CCR (Center for Curriculum and Redesign) e a Aprendizagem Social e Emocional (SEL, na sigla em inglês), que consideram que as características individuais podem ser incentivadas por práticas adequadas<sup>9</sup>. O amoldamento comportamental é indicado como forma de “reduzir desigualdades”, dessa forma a OCDE recomenda “investir nessas competências suficientemente cedo para crianças menos favorecidas”, sendo essas competências socioemocionais “particularmente maleáveis entre a primeira infância e a adolescência.”<sup>10</sup> E sugere que se adaptem os currículos, para formatar as novas exigências educacionais, sempre balizadas por sistemas de avaliação que possam traçar perfis comparativos. Nesse sentido, constituiu-se o modelo intitulado Social and Emotional Non-cognitive Nationwide Assessment (SENNA)<sup>11</sup>, produzido com a participação da OCDE, Instituto Ayrton Senna e a Secretaria

7 ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Competências para o progresso social: o poder das competências socioemocionais. São Paulo: Fundação Santillana, 2015. Disponível em: [https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estanteeducador/Competencias\\_Progresso\\_Social\\_digital.pdf](https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estanteeducador/Competencias_Progresso_Social_digital.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021

8 FENSELAU, S. Reforma totalitária e tecnicista na Educação de SP. **Outras Palavras**, 2025. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadosdemocracia/reforma-totalitaria-e-tecnicista-na-educacao-de-sp/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

9 ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). op. cit., p. 24.

10 ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Ibidem, p. 35.

11 SANTOS, D.; PRIMI, R. Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. **Relatório sobre resultados preliminares do projeto de medição de competências socioemocionais no Rio de Janeiro**. São Paulo/Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna/OCDE/Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, 2014.

de Educação do Rio de Janeiro.

A proposta do SENNA foi analisada por Smolka *et al*<sup>12</sup>, que apresentam uma crítica contundente à teoria do Big Five, sustentáculo da proposição das competências socioemocionais, revelando que, apesar de ter-se generalizado como um consenso entre “especialistas”, a adesão à tal teoria apresenta inúmeras contradições, com discordâncias enfáticas a essa abordagem pelo seu caráter estático, determinista e até mesmo “a-teórico”<sup>13</sup>. As autoras problematizam a separação entre os aspectos cognitivos e emocionais, a simplificação da personalidade e mesmo da compreensão do desenvolvimento humano, que pode resultar na possível estigmatização dos estudantes.

Ainda que produções acadêmicas na área revelem um dissenso em relação à adesão e à mensuração das competências socioemocionais, as fundações privadas ligadas à educação, como o Instituto Ayrton Senna, buscam divulgar suas concepções, legitimadas pelas orientações dos organismos internacionais, como se houvesse um grande consenso<sup>14</sup> científico sobre essa temática.

O Instituto Ayrton Senna (IAS) é a organização privada que tem destaque na produção sobre as competências socioemocionais, sendo um dos articuladores do Programa Inova Educação<sup>15</sup> no estado de São Paulo, que reorganizou os currículos de todas as etapas de ensino e inaugurou o componente Projeto de Vida na rede estatal.

O instituto afirma que já foram “catalogadas” 160 competências<sup>16</sup>, com sistematização de apenas cinco macrocompetências relacionadas com a educação. As macrocompetências são: abertura ao novo, amabilidade, autogestão, resiliência emocional e engajamento com os outros. Para o “contexto brasileiro”, segundo o site oficial do instituto<sup>17</sup>, a partir das cinco macrocompetências, ramificam-se 17 competências socioemocionais, quais sejam: determinação; foco; organização; persistência; responsabilidade; empatia; respeito; confiança; tolerância ao estresse; autoconfiança; tolerância à frustração; iniciativa social; assertividade; entusiasmo; curiosidade para aprender; imaginação criativa e interesse artístico.

As macrocompetências e seus desdobramentos não são universais, mas pensados para a situação particular do Brasil, sob o pressuposto de que haja

12 SMOLKA, A. L. B. et al. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n.130, 2015.

13 Ibidem, p. 230.

14 EVANGELISTA, O.; SHIROMA, E. O. Estado, capital e educação: reflexões sobre hegemonia e redes de governança. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.4, n.11, p.21-38, mai./ago. 2014

15 FENSELAU, Stephanie. Trabalho e educação no século XXI: Programa Inova Educação - SP. 2024. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/23335>. Acesso em: 28 jan. 2025.

16 INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação Integral para o Século XXI: O desenvolvimento pleno na formação para a autonomia**, 2017. Disponível em: [institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estante-educador\\_revista\\_educacao\\_integral.pdf](https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estante-educador_revista_educacao_integral.pdf). Acesso em: 25 nov. 2021, p. 14.

17 INSTITUTO AYRTON SENNA. Site oficial. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/competencias-gerais-bncc/> Acesso em: 12 dez 2021.

uma divisão internacional das competências socioemocionais necessárias para os jovens de cada país, de acordo com o papel que ocupa na divisão internacional do trabalho e sua manutenção<sup>18</sup>.

No contexto das revoltas dos trabalhadores fabris da década de 1970 nos Estados Unidos, Chamayou<sup>19</sup> analisa a perspectiva de um diretor da Ford, que resumiu como principal dificuldade com os trabalhadores o “enfraquecimento generalizado da tolerância à frustração”<sup>20</sup>. Não é casuística a relação das teorias psicológicas voltadas para gestão dos conflitos sociais e manutenção da ordem com a educação dos trabalhadores: “esses psicólogos concluíram que a tarefa fundamental de uma educação bem-sucedida não era tanto desenvolver o jovem sujeito, mas “construir sua tolerância à frustração” por meio da disciplina”<sup>21</sup>.

As teorias psicológicas mencionadas foram desenvolvidas no final da década de 1930 e se baseiam em pesquisas com chimpanzés, que associavam o baixo nível de “tolerância à frustração” às patologias. Assim, a indisciplina fabril era explicada como um desvio moral, uma manifestação de imaturidade psíquica.

Desloca-se o conflito político, as contradições inerentes ao capitalismo, para a esfera psicológica<sup>22</sup>, responsabilizando os indivíduos. Marcado pela particularidade do capitalismo neoliberal, operacionaliza-se um modelo de gestão de classe relacionado com as transformações na base da produção, que atuam nos processos de subjetivação dos trabalhadores. Sobre as dimensões de intervenção social, Safatle argumenta que

[...] podemos encontrar um **profundo trabalho de design psicológico**, ou seja, de internacionalização de predisposições psicológicas visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da **generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida**. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos.<sup>23</sup>

Parece haver relação entre a inserção do componente curricular voltado exclusivamente para o Projeto de Vida dos jovens com uma forma de mobilizar escolhas futuras dentro dos mecanismos do mercado, como única forma social possível, fazendo com que as “escolhas” apareçam genuinamente como

18 FREITAS, Tiago Barreiros. **Ensino médio personalidade: prestidigitções do capital na educação pública**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2023

19 CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

20 Ibidem, p. 50.

21 Ibid. p. 50.

22 SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V., SILVA JUNIOR, N., DUNKER, C. (Orgs.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

23 Ibid., p. 30.

“liberdade” individual.

Partindo desse cenário, compreende-se por que motivo a resiliência emocional é uma das macrocompetências a ser desenvolvida na educação, vinculada à tolerância ao estresse e à frustração, bem como à autoconfiança. O modelo comportamental exigido corresponde à realidade dos trabalhadores no capitalismo contemporâneo, marcado pela brutal concorrência entre todos em um mercado de trabalho cada vez mais precário, flexível, plataformizado, sem direitos, com extensas jornadas e baixos salários, além de altas taxas de rotatividade.<sup>24</sup> Acrescente-se o desemprego, que corrobora para disciplinar os trabalhadores. Tolerar a insegurança que afeta e põem em risco a própria sobrevivência é uma tarefa extenuante, sendo assim, a resposta parece ser incentivar esses mecanismos desde a infância, quando ainda há maior “maleabilidade” para formar a personalidade, conforme sugere a OCDE.

O Instituto Ayrton Senna (IAS) aponta que a “resiliência emocional é a capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, aprender com elas e ganhar mais força para vencê-las”, buscando “regular emoções desagradáveis”<sup>25</sup>, e está “relacionada à capacidade de alguém lidar com as próprias emoções” procurando demonstrar “equilíbrio e controle sobre suas reações emocionais”, lidando com sensações “como por exemplo raiva, insegurança e ansiedade, sem apresentar mudanças bruscas”<sup>26</sup>.

Para desenvolver o controle das emoções, a educação torna-se peça fundamental no ajuste de comportamentos ao atual padrão de acumulação, sendo necessário um conjunto equilibrado de mecanismos para lidar com os sentimentos, não se deixar levar pela raiva, insegurança e ansiedade, causadas pelas relações sociais a que todos estão sujeitos. Afinal, a baixa tolerância à frustração pode ser prejudicial para os negócios.

A macrocompetência da abertura ao novo também aparece atrelada ao espírito do trabalho contemporâneo caracterizada pela alta rotatividade nos empregos. A flexibilização do trabalho encontra nessa “macrocompetência” sua similitude. Jovens trabalhadores, criativos, movidos pela abertura ao novo, para que aceitem o desemprego e a rotatividade do trabalho como condição, adaptando-se à instabilidade permanente, com diversas mudanças de emprego ao longo da vida.

A abertura ao novo parece ser imprescindível aos jovens do “século XXI”, visto que concentra as competências da curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico.<sup>27</sup> Essas características, essencialmente

<sup>24</sup> ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GEN-  
TILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **A cidadania negada**: políticas de exclusão na educação  
e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-48

<sup>25</sup> INSTITUTO AYRTON SENNA. **Ideias para o desenvolvimento de competências socioe-  
mocionais**: resiliência socioemocional, 2020<sup>a</sup>. Disponível em: [https://institutoayrtonsenna.org.br/app/  
uploads/2022/10/instituto-ayrton-senna-macrocompetencia-resiliencia-emocional.pdf](https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/10/instituto-ayrton-senna-macrocompetencia-resiliencia-emocional.pdf). Acesso em: 12 nov.  
2022., p.7

<sup>26</sup> Ibid., p.6.

<sup>27</sup> INSTITUTO AYRTON SENNA. **Ideias para o desenvolvimento de competências socioemo-**

humanas e potencialmente transformadoras, são operadas pelo seu contrário quando atreladas à dinâmica do modo de produção capitalista.<sup>28</sup> A abertura ao novo se transmuta no espírito empreendedor e ganha uma outra correspondência calcada no individualismo, voltada para a inovação dinamizadora do mercado empreendedor precarizado. Em outras palavras, a abertura ao novo expressa as “necessidades do mercado”, adaptando a subjetividade dos estudantes a certos padrões de comportamentos que atendam à exigência da autodisciplina do trabalho. Evidente que a “abertura ao novo” poderia corresponder a outro comportamento, diametralmente oposto, como a criação de novas formas de organização social, mas não se trata de usar o potencial inventivo para superar a brutalidade do capitalismo, mas de ser criativo para o capital.

O aumento da produtividade, atrelado aos investimentos em tecnologias que reduzem o tempo de trabalho enquanto ampliam o montante das mercadorias (ampliando a exploração do trabalho), conduziu a processos de automação e robotização da produção, e sedimentou a ideia de que a “abertura ao novo” é essencial para adequação dos trabalhadores a esses processos. Entretanto, se por um lado é necessário trabalhadores qualificados, isso corresponde a uma pequena parcela, quando pensamos nos (poucos) trabalhadores especializados que desenvolvem as novas tecnologias e, por isso, precisam de uma boa qualificação profissional especializada, com intensos conteúdos “cognitivos”. Por outro lado, para operar esses sistemas na base da produção, não é necessária uma qualificação especializada, ao contrário do que é propagado, pois a tendência é a reprodução de um trabalho cada vez mais simples.<sup>29</sup> A necessidade de adaptabilidade, conforme a ideologia da “abertura ao novo”, coincide com a rotatividade do trabalho, o aumento do desemprego e os altos níveis de informalidade, exigindo criatividade para a sobrevivência.

Em uma sociabilidade voraz, na luta de todos contra todos, o que dizer da competência que visa conformar a “amabilidade”? O IAS diz que “amabilidade é a capacidade de se interessar e de compreender as outras pessoas, colocando-se no lugar delas, confiando, respeitando-as e tratando-as com afeto e responsabilidade”<sup>30</sup>. Somada a confiança, respeito e empatia, a amabilidade é a compreensão do lugar do outro. Nesse sentido, Silva<sup>31</sup> ao analisar a “prescrição

**cionais: abertura ao novo**, 2020. Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/10/instituto-ayrton-senna-macrocompetencia-abertura-ao-novo.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021

28 SILVA, D. N. H.; MAGIOLINO, L. L. S. Capital-trabalho-educação: criatividade, habilidades socioemocionais e (con)formação do sujeito empreendedor de si mesmo. *Revista de Psicologia Política*, v. 22, p. 735-749, 2023. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpp/article/view/22025/1508>. Acesso em: 27 jan. 2025.

29 CATINI, C. R. Notas sobre educação e simplificação do trabalho. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 15, n. 172, p. 65-76, Maringá, PR. 30 jul. 2015

30 INSTITUTO AYRTON SENNA. **Ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais: Amabilidade**, 2020. Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/10/instituto-ayrton-senna-macrocompetencia-resiliencia-emocional.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021, p.7.

31 SILVA, Márcio Magalhães da. **A formação de competências socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Campus Araraquara, SP: 2018

do treino da empatia”, trata de tal elemento como “sintoma da deterioração das relações interpessoais na sociedade capitalista, resultante da alienação”<sup>32</sup>. Nossas relações pessoais sob o imperativo mercadológico e concorrencial estão tão deterioradas que a empatia e o respeito devem ser “treinados” nas escolas, com a supressão concomitante dos conteúdos que nos levem a questionar como chegamos nesse grau de desumanidade. A empatia é mobilizada no reconhecimento da ordem estabelecida e não com o outro trabalhador que vivencia as mesmas asperezas do cotidiano, uma vez que as relações de produção incentivam a concorrência e o empresariamento dos sujeitos, em uma corrida performática dos empreendedores de si.<sup>33</sup>

De maneira semelhante, o “engajamento com os outros”, vinculado a iniciativa social, assertividade e entusiasmo, conduz “à motivação e à abertura para interações sociais e ao direcionamento de interesse e energia ao mundo externo, pessoas e coisas”<sup>34</sup>. A busca pela interação com os outros deve ser estimulada de forma assertiva, com impulso de liderança “quando necessário”. É realmente sintomática a prescrição dessa competência em um mundo onde os índices de depressão aumentam a cada ano<sup>35</sup>, com destaque para a classificação de doenças como a Síndrome do *Burnout*, relacionado ao esgotamento no trabalho.<sup>36</sup> Dessa forma, observa-se que a decadência e as contradições das relações sociais produzidas dentro dessa sociabilidade conformam sujeitos que não se dispõem a serem “abertos ao novo” ou mesmo “engajados” com outras pessoas, sequer empáticos ou respeitosos. A educação básica passa a ser orientada, então, para tentar “ajustar” o que já está em profunda degradação, expressando um projeto de conciliação e contenção dos desajustes próprios dos paradoxos cotidianos.

A eliminação do “outro” para sobreviver diante da concorrência, parece uma distopia não muito distante.<sup>37</sup> O grau de intensificação e exploração do trabalho deteriora a esfera individual e coletiva. Apresenta-se uma realidade sem perspectivas de transformação, generaliza-se a forma da “viração” pela concorrência entre todos, o que produz sujeitos paranoicos.

O aumento da violência nas escolas estampou os noticiários nos últi-

---

32 *Ibid.*, p. 144.

33 EHRENBURG, Alan. **O culto a performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010

34 INSTITUTO AYRTON SENNA. **Ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais: engajamento com os outros**. 2020. Disponível em: <[https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/10/IAS\\_Macro\\_Engajamento\\_2020.09.09.pdf](https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/10/IAS_Macro_Engajamento_2020.09.09.pdf)>. Acesso em: 12 out 2022. p. 6

35 No site do Ministério da Saúde: “Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão” Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao>. Acesso em: 20 dez. 2022.

36 Ministério da Saúde, a Síndrome de Burnout “é um **distúrbio emocional** com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade.” Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 20 dez. 2022.

37 Não é incomum casos em páginas policiais como este: “Homem mata gerente de loja após não conseguir vaga de emprego”, matéria publicada pelo UOL em 12/01/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/homem-mata-gerente-de-loja-apos-nao-conseguir-vaga-de-emprego/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

mos anos<sup>38</sup>, com muita ênfase aos ataques de maior proporção, que chocaram o país. Os dados da violência que atinge a juventude são alarmantes, segundo o Atlas da Violência (2023), “no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens. (...) Considerando a série histórica dos últimos onze anos (2011-2021), foram 326.532 jovens vítimas da violência letal no Brasil”<sup>39</sup>.

No cotidiano das escolas, o estímulo às competências socioemocionais é uma contradição gigantesca, um verdadeiro paradoxo com a realidade vivenciada pela juventude. Todo o desenho argumentativo das competências socioemocionais parece funcionar justamente para reconstruir uma resposta conciliatória, ou seja, procura naturalizar e legitimar a ordem dentro de um quadro completamente desagregado.

As propostas de revolução social foram engolidas pelos mecanismos de regulação social, com a incorporação de palavras de ordem que, em algum momento, já estiveram nas reivindicações do movimento operário revolucionário. A autogestão como forma de organização dos trabalhadores, com suas demandas de contestação à ordem e superação da forma social reificada na mercadoria, foi transmutada em macrocompetência socioemocional.<sup>40</sup> Ressignificado como um atributo pessoal, o termo passa a ser inofensivo, referindo-se à capacidade de gestão de si, carregado de um espírito empresarial, que não mais expressa a auto-organização coletiva.

A autogestão era um tema caro para a esquerda radical nos anos 1970, preocupando os empresários:

Nutrindo suas reflexões com uma miríade de experiências alternativas dentre as quais cooperativas, as ocupações de fábrica com controle operário ou ainda as empresas autogerenciadas iugoslavas, ela [a esquerda radical] via aí um novo caminho promissor, uma alternativa tanto à empresa capitalista como à burocracia estatal.<sup>41</sup>

A via neoliberal, com sua aversão à burocracia estatal, pode flertar com a autodisciplina, carregando na concepção de liberdade individual, que se apresenta como um valor universal dos liberalismos. A síntese dessa percepção é encontrada quando o termo autogestão aparece como atributo comportamental individual.

Autogestão indica a capacidade de ser organizado, esforçado, ter objetivos

38 O aumento dos casos de violência nas escolas estampou os noticiários. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/violencia-nas-escolas-tem-aumento-de-50-em-2023>. Acesso em: 18 dez. 2023.

39 CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>. p. 22.

40 Catini, C. R. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. **Revista USP**, n. 127, p. 53-68, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180045>. Acesso em: 16 jan. 2021

41 CHAMAYOU, G. Op. cit., p. 393.

claros e saber como alcançá-los de maneira ética. Relaciona-se à habilidade de fazer escolhas na vida profissional, pessoal ou social, estimulando a liberdade e a autonomia. **Quem é capaz de exercer mais a autogestão apresenta-se como alguém mais disciplinado, perseverante, eficiente e orientado para suas metas.**<sup>42</sup>

Relacionadas ao autogerenciamento, as características comportamentais como foco, responsabilidade, organização, determinação e persistência se encarregam de dar “sustentação” a essa macrocompetência.

O componente Projeto de Vida, somado ao discurso de protagonismo juvenil e às metodologias ativas, chama os jovens para uma postura ativa circunscrita às relações mercadológicas. O projeto de educação nos marcos do capitalismo neoliberal, apesar de parecer superar a disciplina, a hierarquia e a alienação do trabalho, aprofunda esses mecanismos, não como demandas externas ao ser social a serem “introjetadas” de fora para dentro por um controle rígido e autoritário, mas impelindo os sujeitos para um auto disciplinamento, moldando comportamentos e formas de agir, ser e estar no mundo adequadas a esse modo de produzir e reproduzir a existência.

A introdução de tecnologias na mediação do trabalho pedagógico introduz uma nova camada nessa trama, aliada à crescente influência da economia comportamental.<sup>43</sup> Os desenhos algorítmicos condicionados pelas empresas de plataformas também desempenham um papel importante no amoldamento comportamental da juventude, tanto os concebidos para o ambiente escolar, como os utilizados para lazer e trabalho.

O treino dos comportamentos, através das competências socioemocionais, apresenta o mundo do trabalho em um retrato falsificado, representando o trabalho precário, sem direitos e flexível como promessa de futuro “empreendedor”, trajando de positividade a degradação do trabalho, enquanto seu polo oposto, o capital, se infla cada vez mais da exploração e expropriação do trabalho em escala planetária.

Mesmo que o futuro, por ora, pareça cada vez mais cinzento e sem perspectivas, é fundamental repensar as formas de mobilização para criar experiências de luta contra esse projeto educacional, em meio às quais a autogestão possa novamente se afirmar como uma força transformadora das práticas sociais construídas pelos trabalhadores e trabalhadoras.

---

<sup>42</sup> INSTITUTO AYRTON SENNA. **Ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais: Autogestão.** 2020. Disponível em: <https://institutoayrton.senna.org.br/app/uploads/2022/10/instituto-ayrton-senna-macrocompetencia-autogestao.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022. p. 6.

<sup>43</sup> WILLIAMSON, B. **Big data en Educación: el futuro digital del aprendizaje, la política y la práctica.** Madrid: Ediciones Morata, 2018.